

É raro que meras pessoas comuns, como eu e o John, arranjem alojamentos ancestrais para o Verão.

Uma mansão colonial, uma grande e antiga propriedade, eu diria mesmo uma casa assombrada, e atinjo o auge da felicidade romântica — mas isso seria exigir demasiado do destino!

Contudo é com orgulho que digo que existe algo de estranho neste lugar.

Caso contrário, por que razão o teriam arrendado por tão pouco? E por que teria permanecido tanto tempo sem inquilinos?

O John ri-se de mim, é claro, mas isso já é de esperar.

O John é extremamente prático. Ele não tem qualquer paciência para os assuntos da fé, tem um horror imenso da superstição e troça abertamente de qualquer conversa acerca de coisas que não se possam sentir nem ver nem traduzir em números.

O John é médico e talvez (não o diria a ninguém, é claro, mas isto é papel morto e um grande alívio para o meu estado

de espírito) — talvez seja essa uma razão para que eu não melhore mais rapidamente.

Não sei se estão a ver, mas ele não acredita que eu esteja doente! E que pode uma pessoa fazer?

Se um médico de grande reputação, para mais um marido, convence amigos e familiares que nada de grave se passa realmente connosco senão uma temporária depressão nervosa — uma ligeira tendência histérica — que poderá uma pessoa fazer?

O meu irmão também é médico, de grande reputação também, e diz a mesma coisa.

De modo que tomo fosfatos e fosfitos — não sei bem quais — e tónicos, dou passeios, apanho ar, faço exercício, e estou absolutamente proibida de

«trabalhar» até me ter restabelecido.

Pessoalmente, não estou de acordo com as ideias deles.

Pessoalmente, acho que um trabalho de acordo com o meu modo de ser, com excitação e mudança, me faria bem.

Mas que pode uma pessoa fazer?

Apesar das opiniões deles, escrevi durante uns tempos. Mas, na verdade, isso acaba sempre por me fatigar bastante — ter que

fazê-lo tão veladamente, ou, caso contrário ter que enfrentar uma grande oposição.

Por vezes imagino que, dada a minha condição, se tivesse menos contrariedades e mais convívio e estímulo... Mas o John diz que o pior que eu posso fazer é pensar na minha condição, e confesso que isso me faz sentir sempre mal.

De modo que não elaborarei mais sobre o assunto e falarei acerca da casa.

É um lugar maravilhoso! Está bastante isolada, situada suficientemente longe da estrada, a cerca de seis quilómetros da aldeia. Faz-me pensar nas casas inglesas de que lemos em livros, pois tem sebes, e paredes e portões que se trancam, e uma série de pequenos alojamentos separados para os jardineiros e para o pessoal.

Tem um jardim delicioso! Nunca vi um jardim igual — grande, cheio de sombra e de áleas rodeadas de buxo e ladeado de pérgolas, cobertas por longas trepadeiras, com assentos por baixo.

Também tem estufas para plantas, mas estão agora todas partidas.

Houve alguns problemas legais, segundo creio, algo que tinha que ver com os herdeiros e co-herdeiros; de qualquer modo, este lugar já está vazio há anos.

Receio que isso estrague um pouco a minha fantasmagoria, porém, não me importo — há qualquer coisa de estranho nesta casa — posso senti-lo.

Cheguei mesmo a dizê-lo ao John, numa noite de luar, mas ele disse-me que o que eu estava a sentir era uma corrente de ar, e fechou a janela.

Por vezes, fico imensamente zangada com o John. Tenho a certeza de que não costumava ser tão sensível. Acho que tal se deve a esta minha condição nervosa.

Mas o John diz que se eu me sinto assim, irei negligenciar o meu devido auto-controlo, de modo que me esforço imenso por me controlar — pelo menos diante dele, e isso faz com que me sinta imensamente cansada.

Não gosto nada do nosso quarto. Eu queria um no rés-do-chão que dava para um terreiro e tinha rosas mesmo em frente da janela, e um cortinado de chita tão à moda antiga!... Mas o John nem sequer quis ouvir falar do assunto.

Disse que tinha apenas uma janela e que não havia espaço para duas camas, e não existia aí nenhuma outra divisão perto, caso ele quisesse mais alguma.

Ele é muito cuidadoso e terno, não me deixa dar um passo sem que eu siga uma direcção específica.

Tenho um horário previamente estabelecido para cada hora do dia. Ele tem imensos cuidados comigo, assim, sinto-me basicamente uma ingrata por não o valorizar mais.

Disse-me que tinha vindo até aqui só por minha causa, que eu deveria ter um repouso absoluto e beneficiar de todo ar livre possível. «O teu exercício depende das tuas forças, minha querida» disse ele, «e a tua comida do teu apetite; mas o ar, poderás respirá-lo continuamente.» De modo que ficámos com o quarto das crianças, no cimo da casa.

É um quarto grande e arejado que ocupa quase o andar todo, com janelas a toda a volta, e uma abundância de luz e de ar. Inicialmente, era quarto de crianças e depois quarto de brincar e ginásio, segundo me parece, pois as janelas têm grades por causa das crianças mais pequenas, e há argolas e coisas assim nas paredes.

A pintura e o papel de parede fazem crer que teria havido aí uma escola de rapazes. Está arrancado — o papel — formando grandes manchas em torno da cabeceira da minha cama, até onde posso alcançá-lo, e num local ainda maior, do outro lado do quarto, junto ao chão. Nunca na minha vida vi um papel mais horrível. Um daqueles padrões morosamente repetitivos e espampanantes que cometem todos os pecados artísticos...

É suficientemente vago para confundir o olhar que o siga, mas suficientemente nítido para irritar constantemente e

provocar uma estudiosa atenção, e, se percorrermos essas incertas curvas imperfeitas, por algum tempo, reparamos que, subitamente, estas se suicidam — que se afundam em ângulos extravagantes, que se destroem através de contradições inauditas.

A cor é repelente, quase revoltante. Trata-se de um amarelo sujo e sombrio, estranhamente desbotado pela luz lenta do sol que aí roda. Em alguns lugares, é baço, mas, no entanto, de uma lividez alaranjada; em outros, de um tom cor de enxofre.

Não será de admirar que as crianças o odiassem! Eu também acabaria por o detestar se tivesse que viver muito tempo neste quarto.

Aí vem o John, e eu tenho que esconder isto — ele detesta que eu escreva uma palavra que seja.

* * * * *

Há já duas semanas que aqui estamos, e antes nunca me senti com vontade de escrever, desde esse primeiro dia.

Agora estou sentada junto à janela, cá em cima, neste atroz quarto de crianças, e não há nada que me impeça de escrever tanto quanto quero, para além da minha falta de forças.

O John está fora o dia todo, e mesmo algumas noites, quando os seus casos são sérios.

Alegra-me que o meu caso não seja sério!

Mas estes problemas nervosos são extremamente deprimentes.

O John não faz ideia de quanto, de facto, sofro. Sabe que não há razão para sofrer e isso satisfá-lo.

É claro que se trata apenas de nervos. Afecta-me tanto não poder cumprir os meus deveres!

Eu queria tanto ajudar o John, dar-lhe descanso e conforto, e aqui estou eu, pelo contrário, já transformada num fardo!

Ninguém acreditaria quanto me custa fazer o pouco que consigo — vestir-me, receber as visitas e governar a casa.

É uma sorte a Mary ser tão boa com o bebé. Um bebé tão querido!

E, contudo, não consigo estar com ele, põe-me tão nervosa.

Suponho que o John nunca na sua vida tenha sido nervoso. Ele ri-se tanto de mim por causa deste papel de parede!

A princípio ainda pensou pôr papel novo no quarto, mas depois disse-me que eu estava a deixar que este me incomodasse demasiado, e que não havia nada pior para um doente de nervos do que entregar-se a tais fantasias.

Disse-me que, depois de mudar o papel da parede, seria a pesada cabeceira da cama, depois as janelas gradeadas, e em seguida a cancela ao cimo das escadas, para não falar de outras coisas.

«Bem sabes que este lugar só te está a fazer bem» disse ele. «Para mais, minha querida, não estou interessado em renovar uma casa que apenas arrendei por três meses.»

«Nesse caso, deixa que nos mudemos para o andar de baixo» sugeri eu.

«Há lá quartos tão bonitos...»

Então, ele tomou-me nos braços e chamou-me tontinha, e disse-me que podíamos ir para a cave, se eu quisesse, que ele até nem se importaria de a cair.

Mas ele tem razão acerca das camas e das janelas e dessas coisas.

O quarto é tão arejado e confortável quanto se poderia desejar, e, é claro, eu não seria tão tonta a ponto de prejudicar o conforto do John, só por um mero capricho.

Estou mesmo a começar a gostar do quarto grande, à excepção do horrível papel.

De uma das janelas posso ver o jardim, essas misteriosas pérgolas cheias de sombra, as hilariantes flores antigas e os arbustos e as árvores de troncos rugosos.

De uma outra, tenho uma adorável vista da baía e de um pequeno ancoradouro particular que pertence à propriedade. Há uma bela álea cheia de sombra que vai até aí, desde a casa. Imagino continuamente que vejo pessoas a passear nessas áleas numerosas e nesses recantos de folhagem, mas o John já me avisou para não me entregar nunca a devaneios. Diz que, com o meu poder imaginativo e com o meu hábito de criar histórias, uma fraqueza nervosa como a minha levará, de certo, a toda a espécie de acesas fantasias, e que eu deveria usar a minha força de vontade e bom-senso para contrariar essa tendência. É isso que tento fazer.

Penso, por vezes, que, se ao menos me sentisse suficientemente bem para escrever um pouco, isso me aliviaria do tumulto das ideias e me descansaria.

Mas chego à conclusão que me canso muito quando tento.

É tão desencorajante não ter conselhos nem companhia no que respeita ao meu trabalho. O John diz que irá convidar o primo Henry e a Julia para uma visita prolongada quando eu estiver restabelecida. Mas diz-me que preferia pôr fogo de

artifício na fronha do meu travesseiro do que permitir-me ter agora por perto essas pessoas estimulantes.

Quem me dera poder melhorar depressa.

Mas não devo pensar nisso. Este papel olha para mim como se soubesse da terrível influência que exerce!

Há um ponto recorrente onde parece descansar como um pescoço partido e dois olhos como bolbos, voltados ao contrário, que olham fixamente para nós.

Fico mesmo zangada com a sua impertinência e permanência. Rastejam para cima e para baixo e para os lados, e esses olhos absurdos, que não pestanejam, estão por toda a parte. Há um lugar onde duas folhas não foram acertadas, e os olhos vão todos para cima e para baixo dessa linha, um, um pouco mais alto do que o outro.

Nunca antes vira tanta expressão numa coisa inanimada, e todos sabemos quanta expressão estas possuem! Costumava ficar acordada na cama, quando era criança, e encontrar mais entretém e terror em paredes vazias e mobílias simples do que muitas crianças numa loja de brinquedos.

Lembro-me do modo como os puxadores, da nossa grande e velha escrivaninha, me costumavam piscar o olho, e havia aí um cadeirão que sempre me pareceu ser um amigo poderoso.

Pensava que se todas as outras coisas me parecessem muito brutais, poderia sempre saltar para o cadeirão e sentir-me segura.

No entanto, neste quarto a mobília é apenas pouco harmoniosa, porque a tivemos que trazer toda do andar de baixo. Acho que, quando isto era um local de brincadeiras, tiveram que tirar as coisas do quarto das crianças, e não admira!

Nunca vi tanta destruição como a que as crianças aqui fizeram.

O papel de parede, como disse anteriormente, está arrancado em certos sítios e está mais colado à parede do que um irmão a nós — as crianças deveriam estar cheias de perseverança e também de ódio.

Para mais, o chão está riscado, cheio de marcas fundas e de farpas, o próprio estuque foi arrancado aqui e ali, e esta pesada e enorme cama, que foi tudo o que encontramos no quarto, parece já ter andado na guerra.

Mas não me importo nada com isso — apenas com o papel.

Aí vem a irmã do John. É uma rapariga tão adorável e tem tantos cuidados comigo! Não devo permitir que ela me encontre a escrever.

Ela é uma dona de casa perfeita e entusiasmada, e não deseja outra profissão melhor. Acredito, plenamente, que pensa que foi a escrita que me fez ficar doente!

Mas posso escrever quando ela está lá fora e a vejo a uma grande distância destas janelas.

Há uma que dá para a estrada, uma estrada adorável que serpenteia, cheia de sombra, com uma vista para o campo. Um campo igualmente adorável, cheio de grande olmos e prados aveludados.

Este papel de parede tem uma espécie de padrão de fundo, num tom diferente, que é particularmente irritante, pois apenas o podemos ver dadas certas gradações de luz e, mesmo assim, não muito bem.

Mas, nos sítios em que não está desbotado e o sol aí incide de uma certa maneira, posso ver uma espécie de figura disforme, estranha e provocadora, que se parece esquivar por detrás do estúpido e insinuante desenho em primeiro plano.

Mas aí vem a minha cunhada pelas escadas!

* * * * *

Bem, o Quatro de Julho acabou! As pessoas já se foram embora e eu estou exausta. O John pensou que talvez me fizesse

bem receber algumas pessoas, de modo que a mãe, a Nellie e as crianças vieram cá passar uma semana.

É claro que não fiz nada. A Jennie encarrega-se agora de tudo.

Mas mesmo assim, cansou-me.

O John disse que, se eu não melhorar, me enviará para o Dr. Weir Mitchell no Outono.

Mas eu não quero, de modo nenhum, ir para lá. Tive uma amiga que esteve, em tempos, nas suas mãos, e ela diz-me que ele é tal e qual como o John e como o meu irmão, só que ainda pior do que eles!

Para além disso, seria bastante incómodo ter que ir para tão longe.

Não acho que pudesse valer a pena mexer-me para o que quer que seja, e estou a ficar tremendamente irritável e quezilenta.

Qualquer coisa me faz chorar, e passo quase todo o tempo assim.

É claro que não o faço quando o John aqui está, ou qualquer outra pessoa, mas quando estou sozinha.

E agora estou muito tempo sozinha. O John está fora muitas vezes, ocupado na cidade a tratar de casos sérios, e a Jennie é bondosa e deixa-me sozinha sempre que eu quero.

Assim, passeio um pouco pelo jardim e percorro essa álea maravilhosa, sento-me no alpendre, por baixo das rosas, e deito-me, frequentemente, aqui em cima.

Estou a ficar bastante pegada a este quarto, apesar do papel de parede.

Talvez devido ao papel de parede.

Impressiona-me tanto!

Deito-me aqui, nesta grande cama imóvel — está pregada ao chão, creio eu — e sigo os padrões durante horas. É tão bom como fazer ginástica, garanto-vos. Começo, digamos, que pela parte inferior, no canto ali em baixo, onde ninguém tocou no papel, e decido, pela milésima vez, que irei seguir esse padrão insignificante até chegar a uma espécie de conclusão.

Conheço um pouco as regras do desenho, e sei que esta coisa não foi arranjada de acordo com as leis da irradiação, ou da alternância, ou da repetição, ou da simetria, ou de qualquer coisa de que eu tivesse ouvido falar.

É repetido, evidentemente, ao longo da largura, mas não de outra maneira.

Se o olharmos de modo a que cada porção pareça isolada, as curvas e os floreados dilatados — um tipo de «Romanesco corrompido» com delirium tremens — começam a ondular, para cima e para baixo, em isoladas colunas de imbecilidade.

Mas, por outro lado, estão ligadas diagonalmente, e os contornos espalhados continuam em grandes ondulos num declive de óptico horror, como uma grande quantidade de algas flutuantes e em fuga.

Tudo isso também se exerce na horizontal, pelo menos assim me parece, e eu canso-me, tentando perceber o modo como continua nessa direcção.

Usaram uma porção horizontal como friso e isso ainda aumenta mais a confusão.

Há uma parte do quarto em que está quase intacto, e aí, quando uma luz de outra origem esmorece e o sol baixo aí incide directamente, quase posso imaginar um padrão de irradiação, apesar de tudo — esses grotescos desenhos intermináveis parecem formar-se em torno de um centro comum para depois se precipitarem em grandes mergulhos de cabeça, de igual distracção.

Fico cansada quando os sigo. Talvez vá dormir uma sesta.

Não sei qual a razão por que devo escrever isto.

Não quero.

Não me sinto apta.

E sei que o John o acharia absurdo. Mas eu tenho que dizer o que sinto e penso, de qualquer modo — é um alívio tão grande!

Mas o esforço está a tornar-se ainda maior do que o alívio.

* * * * *

Agora, na maior parte do tempo, sinto-me preguiçosa e deito-me muitas vezes. O John diz que não devo perder as minhas forças e obriga-me a tomar óleo de fígado de bacalhau, muitos tónicos e coisas assim, já para não falar na cerveja e no vinho e na carne mal passada.

Querido John! Ele adora-me e detesta que eu esteja doente. Tentei ter com ele uma conversa muito séria e sensata, no outro dia, e disse-lhe quanto desejava ir visitar o primo Henry e a Julia.

Mas ele disse-me que eu não seria capaz; que não o iria suportar depois de aí chegar; eu não quis insistir muito, pois já estava a chorar, antes mesmo de ter acabado de lho pedir.

Está-me a custar imenso pensar normalmente, talvez devido a esta fraqueza de nervos.

E o querido John levantou-me nos seus braços, levou-me para cima e deitou-me na cama, e sentou-se ao pé de mim, e leu para mim, até a minha cabeça se sentir cansada.

Disse-me que eu era a sua adorada, o seu conforto e tudo o que ele tinha, que devo tomar conta de mim, por causa dele, e manter-me saudável.

Disse-me que apenas eu me posso ajudar a mim mesma a sair deste estado, que devo usar a minha força de vontade e auto-controlo e não permitir que fantasias patetas me dominem.

Tenho apenas um conforto, o bebé está bem e está feliz, e não tem que ocupar este quarto de crianças com o seu horrível papel de parede.

Se eu não o estivesse a usar, essa pobre criança teria que aqui estar! Do que ele se livrou! Bem, eu não queria que um filho meu, que uma criança pequena e impressionável, vivesse num quarto assim, por nada deste mundo.

Nunca pensei nisso antes, mas ainda bem que o John me manteve aqui, apesar de tudo; eu posso suportar isto muito melhor do que um bebé, não estão a ver?

É claro que já não lhes menciono tal coisa — sou demasiado esperta para o fazer — mas, mesmo assim, estou sempre alerta.

Há coisas nesse papel que ninguém, senão eu, sabe ou virá a saber.

Para além do padrão exterior, as formas apagadas tornam-se cada dia mais visíveis.

É sempre a mesma forma, só que multiplicada.

É como se se tratasse de uma mulher, que se inclinasse para a frente e rastejasse por detrás do padrão. Não gosto nada disso.

Ponho-me a reflectir, começo a pensar — oxalá o John me levasse de aqui!

É tão difícil falar com o John acerca do meu caso, porque ele é uma pessoa tão sensata e gosta tanto de mim...

Mas na noite passada tentei.

Estava luar. A lua também brilha aqui a toda a roda, tal como o sol.

Por vezes detesto vê-la, assoma-se muito devagar, acabando sempre por entrar por uma ou outra janela.

O John estava a dormir e eu não queria acordá-lo, de modo que fiquei muito quieta a ver o luar e o papel de parede ondulante, até me sentir cheia de medo.

A figura apagada, por detrás, parecia abanar o padrão, como se quisesse sair.

Levantei-me, sem fazer barulho, e fui ver se conseguia sentir ou observar se o papel, de facto, se mexia, e, quando voltei, o John estava acordado.

«Que se passa, minha menina?» disse ele. «Não te ponhas assim a passear

— ainda apanhas uma constipação.»

Pensei que talvez fosse uma boa altura para falarmos, de modo que lhe disse que não estava a melhorar nada nesse sítio e que desejava que ele me levasse dali.

«Mas por quê, minha querida?» disse ele. «O nosso arrendamento acabará dentro de três semanas, e não estou a ver por que teremos que partir antes.»

As reparações ainda não estão acabadas em casa, e agora não posso abandonar a cidade. É evidente que, se estivesses em perigo, eu não hesitaria em fazê-lo, mas, na verdade, tu estás melhor, mesmo que não te dêes conta disso.

Sou médico, querida, e sei do que estou a falar. Estás a ganhar mais peso e melhores cores, o teu apetite melhorou, sinto-me mesmo muito mais descansado acerca do teu estado.»

«Eu não ganhei peso» disse-lhe. «Nem peso tanto como quando para aqui vim; o meu apetite poderá ser melhor à noite, quando aqui estás, mas piora de manhã, quando estás longe!»

«Que tontinha!» observou ele, abraçando-me muito. «Podes estar doente tanto quanto quiseres! Mas agora, para podermos aproveitar as horas de sol, vamos dormir e falar nisso de manhã!»

«E tu não te irás embora?» perguntei eu, muito triste.

«Mas por que teria que o fazer, minha querida? São só mais três semanas e depois faremos uma bela viagem por uns dias, enquanto a Jennie ajeita as coisas lá em casa. Acredita, querida, estás muito melhor!»

«Melhor talvez fisicamente...» comecei eu a dizer, mas calei-me logo, porque ele se sentou na cama e olhou para mim com um olhar tão intenso e desaprovador que eu não consegui dizer mais nada.

«Minha querida» disse ele. «Peço-te por tudo, pelo amor que tens a nós e ao nosso filho, e também pelo amor que tens por ti mesma, que nunca, nem por um instante, deixes que essa ideia te entre na cabeça! Não há nada tão perigoso, tão fascinante, para um temperamento como o teu. Trata-se de uma fantasia falsa e pateta. Será que não podes acreditar em mim, como médico, quando to digo?»

É claro que não disse mais nada sobre o assunto e não demorou até que adormecêssemos. Ele, primeiro, pensou que eu estava a dormir, mas não estava.

Fiquei aí acordada durante horas, tentando decidir se o padrão da frente e o padrão de trás se mexiam realmente, em conjunto ou em separado.

Num padrão como este, durante o dia, há uma falta de sequência, um desafio das leis, que é constantemente irritante para uma mente normal.

A cor é já suficientemente horrorosa, e suficientemente fugidia, e suficientemente desesperante, mas o padrão é uma tortura.

Pensamos que já o dominámos, mas, ao avançarmos mais na sua sequência, este executa um salto mortal e faz-nos voltar ao princípio. Dá-nos um estalo na cara, atira-nos ao chão e pisa-nos. É como um pesadelo.

O padrão exterior é de um florido de arabescos, que nos lembram um fungo. Se pudermos imaginar um cogumelo venenoso com articulações, uma fila interminável de cogumelos venenosos, desabrochando, crescendo em infinitas convulsões — bem, é algo assim.

Quero dizer, por vezes!

Há uma característica bem marcada acerca deste papel, qualquer coisa em que mais ninguém repara excepto eu, e é o facto facto de mudar à medida que a luz muda.

Quando o sol atravessa a janela de leste — estou sempre à espera desse longo raio em linha recta — muda tão depressa que eu nem posso acreditar.

É por isso que estou sempre a observá-lo.

Ao luar — a lua brilha toda a noite quando há luar — não diria que se tratava do mesmo papel.

À noite, em qualquer tipo de luz, ao entardecer, à luz de velas, à luz de candeeiros, e pior ainda, ao luar, transforma-se em grades! Refiro-me ao padrão exterior, e a mulher por detrás delas torna-se muito visível.

Durante muito tempo nunca me dei conta desse esbatido padrão de fundo que aparecia por detrás, mas agora tenho quase a certeza de que se trata uma mulher.

Durante o dia ela é discreta, calada. Imagino que seja o padrão o que a mantém tão quieta. É tão intrigante. Mantém-me também calada durante horas.

Agora passo muito tempo deitada. O John diz que devo dormir o mais possível.

De facto, ele pôs-me neste hábito, obrigando a que me deitasse durante um hora, após cada refeição.

É um hábito muito mau, estou convencida, porque, como estão a ver, eu não durmo.

E isso dá azo à mentira, porque eu não lhe digo que estou acordada —

Oh, não!

Na verdade, estou a ficar um pouco receosa do John.

Ele às vezes parece-me uma pessoa muito esquisita, e mesmo a Jennie tem, em certas ocasiões, um olhar inexplicável.

Às vezes penso, como se de uma hipótese científica se tratasse, que talvez seja o papel!

Já observei o John, quando ele não se dava conta de que eu o estava a fazer, e entrei subitamente pelo quarto, usando uma desculpa inocente, e apanhei-o várias vezes a olhar para o papel! E a Jennie também. Uma vez até a apanhei com uma mão sobre este.

Ela não sabia que eu estava no quarto, e quando lhe perguntei com uma voz baixa, muito baixa, da mais discreta maneira possível, o que estaria ela a fazer com o papel — ela voltou-se como se tivesse sido apanhada a roubar, e parecia

muito zangada — perguntou-me por que razão a assustava assim!

Depois disse-me que o papel manchava tudo o que nele tocasse, que tinha encontrado manchas amarelas em todas as minhas roupas e nas do John, e que desejava que tivéssemos mais cuidado!

Não vos parece uma desculpa inocente? Mas eu sabia que ela estava a estudar o padrão, e estou decidida a que ninguém descubra as suas características, senão eu.

* * * * *

Agora a vida é muito mais excitante do que costumava ser. Estão a ver, tenho agora algo mais a esperar, a antecipar, a observar. Como realmente melhor, e sou mais calada do que o costume.

O John está muito contente por me ver melhorar! No outro dia riu-se um bocadinho, e disse-me que eu estava a rejuvenescer, apesar do papel de parede.

Interrompi-o com uma gargalhada. Não tinha a intenção de lhe dizer que era por causa do papel de parede — ele iria troçar de mim. Talvez me quisesse mesmo levar para outro sítio.

Não tenciono partir agora, até ter descoberto tudo. Tenho mais uma semana, e acho que isso será suficiente.

Estou a sentir-me bastante melhor!

Não durmo muito durante a noite, pois é tão interessante observar os desenvolvimentos; mas durmo muito durante o dia.

Durante o dia, tudo isto é cansativo e intrigante.

Há sempre novos rebentos nesse fungo, e novas tonalidade de amarelo por todo o papel. Nem sequer as posso contar, ainda que, conscientemente, o tenha tentado fazer.

É de um estranhíssimo amarelo, esse papel de parede! Faz-me pensar em todas as coisas amarelas que jamais vi — não em coisas bonitas, como os rainúnculos, mas em coisas amarelas velhas, revoltantes e más.

Mas o papel tem ainda uma outra coisa — o cheiro! Dei-me logo conta dele assim que entrámos no quarto, mas, com tanto ar e sol, não era muito intenso. Agora, após uma semana de chuva e nevoeiro, quer as janelas estejam fechadas ou não, o cheiro está aqui.

Espalha-se por toda a casa.

Sinto-o a pairar na casa de jantar, a ocultar-se na sala de estar, a esconder-se no vestíbulo, à minha espera nas escadas.

Infiltra-se-me no cabelo.

Mesmo quando monto a cavalo, se voltar subitamente a cabeça e o surpreender — aí está esse cheiro!

Trata-se de um odor tão peculiar! Tenho passado horas a tentar analisá-

lo, para saber ao que cheira.

Não é mau — a princípio — e é muito suave, mas é o odor mais subtil e persistente que alguma vez conheci.

Com este tempo húmido e horrível, acordo durante a noite e reparo que paira sobre mim.

De início, costumava incomodar-me. Cheguei mesmo a pensar, seriamente, em incendiar a casa — para matar o cheiro.

Mas agora já estou habituada. A única coisa em que consigo pensar, que é semelhante, é a cor do papel. Um cheiro amarelo.

Há uma marca muito engraçada nesta parede, mesmo em baixo, junto ao rodapé. Um risco que percorre o quarto a toda a volta. Vai por detrás de todas as peças de mobiliário, excepto da

cama. Trata-se de uma longa linha direita e esborratada, como se alguém a tivesse tentado apagar insistentemente.

Imagino como teria sido feita e quem a teria feito e por que razão a fizeram.

Sempre, sempre à volta — sempre, sempre à volta — faz-me tonta!

Descobri algo, finalmente.

Ao observá-lo à noite, quando muda tanto, acabei por descobri-lo.

O padrão exterior mexe-se, de facto — e não admira! A mulher, por detrás dele, abana-o!

Por vezes, há uma grande quantidade de mulheres, por detrás; outras, apenas uma, e ela rasteja rapidamente e o seu rastejar faz tremer todo o papel.

Depois, nos locais mais iluminados, ela fica quieta, e, nos sítios mais sombrios, agarra-se às grades e abana-as com muita força.

E ela está sempre a tentar trepá-las para se libertar. Mas ninguém poderia trepar e sair desse padrão — estrangula tanto as pessoas; acho que é por isso que tem tantas cabeças.

Estas atravessam-no e, em seguida, o padrão estrangula-as e volta-as ao contrário, e faz com que os seus olhos fiquem brancos!

Se essas cabeças estivessem cobertas ou fossem retiradas, não seria assim tão mau.

* * * * *

Acho que essa mulher sai, durante o dia!

E vou dizer-vos por quê — em segredo — eu já a vi!

Posso vê-la através de cada uma das minhas janelas!

É sempre a mesma mulher, bem sei, porque ela está sempre a rastejar e a maior parte das mulheres não o faz, durante o dia.

Vejo-a nessa longa álea cheia de sombra, a rastejar para cima e para baixo. Vejo-a sob essas pérgolas cobertas de cachos floridos, a mover-se, subtilmente, através do jardim.

Vejo-a nessa longa estrada, sob as árvores, a rastejar, e, quando passa uma carruagem, ela esconde-se sob as ramagens das amoras.

Não a critico mesmo nada. Deve ser muito humilhante ser-se assim apanhada a rastejar durante o dia!

Fecho sempre a porta quando rastejo, durante o dia. Não o posso fazer à noite, pois sei que o John iria logo suspeitar de qualquer coisa.

E o John tem andado tão estranho que não o quero irritar. Quem me dera que ele arranjasse um outro quarto! Para além do mais, não quero que ninguém deixe sair essa mulher à noite, senão eu.

Muitas vezes, imagino se a conseguiria ver de todas as janelas, ao mesmo tempo.

Mas, por mais rapidamente que me volte, só a consigo ver através de uma janela de cada vez.

E, se bem que sempre a veja, ela poderá esconder-se mais depressa do que eu poderei voltar-me.

Já a observei, por vezes, lá longe, em campo aberto, a rastejar com mais rapidez do que uma nuvem de sombra no vento alto.

Se ao menos esse padrão exterior se conseguisse separar do interior!

Tenho a intenção de o experimentar, pouco a pouco.

Descobri uma outra coisa engraçada, mas não a irei contar desta vez! De nada adianta acreditarmos muito nas pessoas.

Só me restam dois dias para arrancar este papel, e acho que o John já começou a reparar nisso. Não gosto da expressão nos seus olhos.

E ouvi-o fazer uma série de perguntas profissionais à Jennie a meu respeito.

Ela conseguiu fornecer-lhe um óptimo relatório.

Disse-lhe que eu dormia muito durante o dia.

O John sabe que eu não durmo muito bem à noite; pois estou sempre tão calada!

Ele também me fez toda a espécie de perguntas, e pretendeu ser muito terno e simpático.

Como se eu não conseguisse ver através dele!

No entanto, não me espanto que aja assim, dado que há já três meses dorme por baixo deste papel.

Este só me interessa a mim, mas estou certa de que o John e a Jennie também se encontram secretamente afectados por ele.

* * * * *

Hurra! Este é o último dia, mas chega-me. O John teve que passar a noite na cidade e só irá chegar ao entardecer.

A Jennie quis dormir comigo — a espertalhona! — mas eu disse-lhe que, sem dúvida, descansaria melhor durante a noite se estivesse sozinha.

Isso foi bastante astuto da minha parte, porque eu não estava, com efeito, de modo nenhum sozinha! Logo que o luar rompeu e essa pobre mulher começou a andar e a abanar o padrão, eu levantei-me e fui ajudá-la.

Eu puxava e ela tremia, eu tremia e ela puxava, e antes que fosse manhã, tínhamos arrancado metros desse papel.

Uma tira talvez tão alta como a minha cabeça, ao longo de metade do quarto.

Depois, quando o sol chegou e aquele horrível padrão se começou a rir para mim, decidi que acabaria com ele hoje mesmo!

Vamo-nos embora amanhã, e estão a mudar outra vez toda a mobília para o andar de baixo, para que as coisas fiquem como estavam antes.

A Jennie olhou para a parede, embasbacada, mas eu disse-lhe, muito alegremente, que o tinha feito apenas por raiva a essa coisa tão atroz.

Ela riu-se e disse-me que não se importaria de o ter feito, mas que eu não me deveria ter cansado.

Como ela, dessa vez, se traiu a si mesma!

Mas eu estou aqui e mais ninguém poderá tocar nesse papel — não em vida!

Ela tentou fazer-me sair do quarto — era por demais óbvio! Mas eu disse-lhe que este estava agora tão sossegado e vazio e limpo, que eu achava que me iria deitar outra vez e dormir tanto quanto pudesse; para não me acordar nem mesmo para o jantar — que eu chamaria por ela quando acordasse.

De modo que ela se foi embora, as criadas foram-se embora, e as coisas foram-se embora, e nada mais ficou senão a armação da cama pregada ao chão, com o colchão de lona que encontrámos nela.

Vamos dormir hoje no andar de baixo, e amanhã apanharemos o barco para casa.

Agora gosto muito do quarto, agora que está outra vez vazio.

A destruição que aquelas crianças aqui fizeram!

A armação desta cama está bastante roída!

Mas tenho que voltar ao trabalho.

Tranquei a porta e atirei com a chave para o caminho em frente da casa.

Não quero sair e não quero que ninguém aqui entre até o John chegar.

Quero surpreendê-lo.

Tenho aqui uma corda que nem sequer a Jennie descobriu. Se essa mulher chegar a sair e tentar fugir, posso amarrá-la!

Mas esqueci-me, não posso lá chegar se não tiver qualquer coisa para onde subir!

Esta cama não se mexe!

Tentei levantá-la e empurrá-la até ficar magoada, e depois fiquei tão furiosa que mordei um bocadinho da madeira, a um canto — mas magoou-me os dentes.

Depois arranquei o papel todo até onde conseguia chegar, de pé no chão.

Está horrivelmente colado e o padrão adora isso! Todas essas cabeças estranguladas e olhos estrangulados e bamboleantes fungos que crescem e gritam de troça!

Estou suficientemente zangada para fazer algo de terrível. Saltar da janela seria um exercício admirável, mas as grades são demasiado fortes para que o possa tentar.

Para além disso, eu nunca o faria. É claro que não. Sei bem demais que um passo desses seria impróprio e mal interpretado.

Eu nem sequer gosto de olhar pelas janelas — há tantas dessas mulheres a rastejarem por todo o lado, e rastejam tão depressa.

Imagino se saíram desse papel de parede, tal como eu.

Mas eu estou bem atada agora à minha corda bem escondida — ninguém me apanha lá fora, nessa estrada!

Acho que terei que voltar para detrás do padrão quando a noite vier, e isso é difícil!

É tão agradável estar neste grande quarto a rastejar até me fartar!

Não quero ir lá para fora. Não o farei, mesmo que a Jennie mo peça.

Porque lá fora temos que rastejar pelo chão, e tudo é verde em vez de amarelo.

Mas aqui posso rastejar sem esforço pelo chão, e o meu ombro cabe mesmo bem nessa longa linha esborratada ao longo da parede, de modo que não me poderei perder.

Bem, aí está o John à porta!

Nem penses, meu rapaz, não a conseguirás abrir!

Como ele me chama e dá murros na porta!

Agora está a gritar por um machado.

Seria uma pena ter que se partir uma porta tão bonita!

«John, querido!» disse eu, com uma voz muito doce. «A chave está lá em baixo, ao pé dos degraus da entrada, por baixo de uma folha de bananeira!»

Isso silenciou-o durante alguns momentos.

Depois ele disse, com uma voz, de facto, muito baixa: «Abre a porta, minha querida!»

«Não posso» disse eu. «A chave está lá em baixo, ao pé dos degraus da entrada, por baixo de uma folha de bananeira!» E depois voltei a repeti-lo, várias vezes, muito devagar e com doçura, e disse-o tantas vezes que ele teve que ir ver, e a descobriu e entrou. Mas parou mesmo ao pé da porta.

«Que se passa?» gritou ele. «Por amor de Deus, que estás a fazer!»

Eu continuei a rastejar à mesma, mas olhei para ele por cima do ombro.

«Finalmente consegui sair» disse eu. «Apesar de ti e da Jane! E arranquei grande parte do papel, de modo que não me poderás voltar a pôr aí dentro!»

Agora digam-me, por que razão teria aquele homem desmaiado? Mas é que desmaiou mesmo, e logo no meu caminho, junto à parede, de modo que tinha sempre que rastejar por cima dele.